



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

14 de Agosto de 2010 • Ano LXVII • N.º 1733

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

COMO RAMOS DE AMENDOEIRA

Padre João

NESTE Domingo quente, o primeiro dia de Agosto, a que os mais antigos chamavam o primeiro de Inverno – em tempos que a natureza era mais «obediente»... – fomos ao coração da Beira Baixa para assistir à Ordenação de Diácono de um filho daqueles vales profundos. A celebração decorreu na Igreja Paroquial daquela Vila quase raiana. A Espanha fica ali ao lado. Soubemos que era a primeira ordenação a que o Bispo presidia na Diocese desde que descerá lá do Alto Minho para tomar posse e pastorear um tão vasto território de diferentes gentes. Apesar da globalização o Alto Alentejo, a Beira Baixa ou o Ribatejo – territórios que constituem a Diocese em causa – não são a mesma coisa. Nada fácil, imagine-se, para quem desce do Alto Minho; sempre verde, festivo, religioso e onde o clero ainda não escasseia assim tanto...

A celebração decorreu com muita simplicidade e elevação, uma e outra atitude, irmãs gémeas e portadoras de beleza. A Assembleia era composta de fiéis adultos, denotando a ausência da gente nova. Percebemos, também nisto, um retrato da interioridade que se reflecte nas Comunidades Cristãs. Nota significativa a presença de um bom grupo de sacerdotes ainda novos entre eles o Vigário Geral da Diocese e o Vigário Episcopal para o Clero que rondam os 40 anos de idade. Uma aposta de renovação confiante e surpreendente... num Presbitério com uma média de idade bastante elevada. Tal facto não constitui, como o próprio bispo afirmou na homília, factor de desânimo. Bem pelo contrário, motivo de mobilização e compromisso de todos. E parafraseando o grande bispo que foi Santo Agostinho ajuntou ao desafio: «sou cristão convosco e bispo para vós...». Como que a dizer ocupe cada um o seu lugar nesta família de tantos filhos, de tantos irmãos.

Continua na página 3

SINAIS

Padre Telmo

PAI Américo imprimiu na Obra e em cada Casa do Gaiato, o sentido de família. «Somos família!» Não concebia uma comunidade da Obra sem uma senhora, a fazer de Mãe, não só dos mais pequenos como destes quando crescessem. Também não o Padre director ou regente, mas o pai de família.

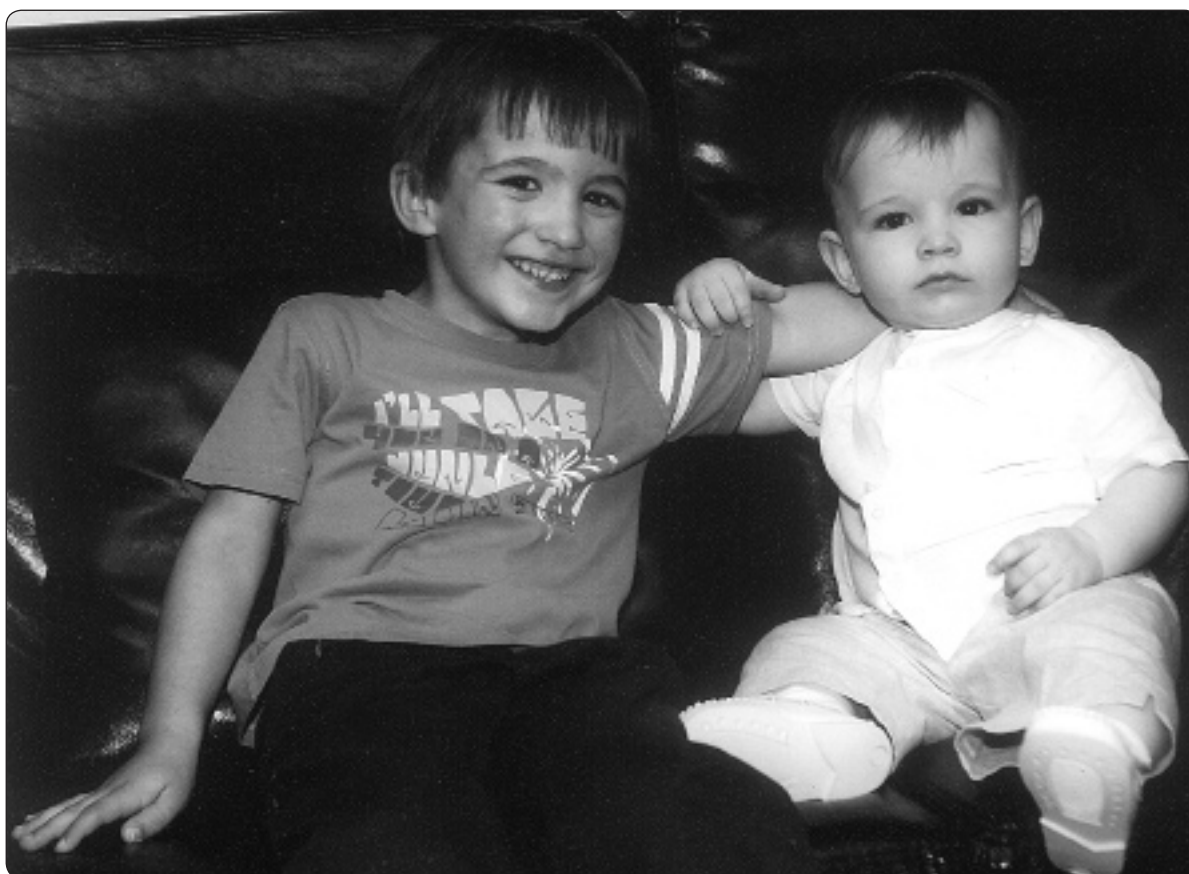
A cada Casa do Gaiato nos esforçamos por dar este sentido.

Um dia, na Rua Augusta, de Lisboa, encontrei-me com um senhor Doutor amigo da Obra. Conversámos. Nisto, uma menina de 20 anos, atravessou a rua e abraçou-se a mim aos beijos, chamando-me Avô. Também a beijei e lhe perguntei pelos pais. A menina foi. O senhor Doutor inclinou-se para mim e falou: «O senhor padre já foi casado?» Expliquei-lhe que era filha de um gaiato que desde pequenino tinha crescido na nossa Casa, e o sentido de família das nossas Casas do Gaiato. Ficou muito comovido e reconheceu o alcance profético de «somos família!»

Na génese das *Normas de Vida dos Padres da Rua*, lemos no artigo 2.º: «A união num mesmo espírito e em uma Família é o fundamento da vida comunitária, sem a qual faltaria razão de ser ao grupo sacerdotal.» E no 3.º: «Este mesmo espírito e esta Família nasceram da vocação do Fundador e da sua fidelidade a ela.»

Também entre os muitos sinais dos postais de Natal, este: «Feliz Natal para todos os Rapazes e mais os “Baiatinhas”, um abraço natalício para o senhor Padre deste rapaz que o pretende e almeja como um pai.»

E, por fim, este texto de Cristina Beloni, impresso num postal que um dos nossos nos enviou num aniversário: «Pai, / aonde quer que você vá, / sinto sua presença / e sua protecção. / E ainda que / não estejamos mais / sob o mesmo teto, / tenho certeza de que estamos / sempre juntos. / Deus o acompanhe / neste dia e sempre!» □



Vida em Família

ESTE tempo de Verão, com a vinda a férias de muitos dos nossos Emigrantes, continua a ser pródigo em encontros de Família, nomeadamente casamentos e baptizados que se preferem realizados na terra pátria ou de que se não dispensa a participação dos que estão fora — e, por isso, se aguarda a sua vinda. Belo tal costume, significativo de vivência de laços que resistem à dispersão e reúnem e firmam, uns e outros, nas suas raízes. Deus queira que se não perca esta riqueza humana! Algo por este motivo, e não só, têm sido cheios e prometem continuar, os nossos fins-de-semana.

HÁ oito dias, foi o casamento da Mariana, uma sobrinha bisneta que baptizámos, cujos pais casámos — e só agora reparei no silêncio havido há mais de cinquenta anos, sobre este ramo familiar nosso, que é a Família de sangue de Pai Américo. Na verdade, desde a sua partida, os descendentes de seus irmãos, em expressivo número, consideram-nos como os filhos do Tio Padre Américo. E não podendo já recorrer a ele nos seus momentos familiares importantes, foi a nós que demandaram como seu representante, sempre que queriam tê-lo presente. Um estatuto de “primos” que se tem mantido até às gerações de agora, em que o grau de parentesco já vai longe. Se é confortante para eles, não o é menos para nós!

E, já agora, um pedacito de história: Da fratria de oito, o primeiro e o último foram padres. João e Dr. António morreram cedo e solteiros. A descendência que ficou, foi a dos irmãos Joaquim e Maria (madrinha do irmão mais novo), do Jaime e do Zeferino, que morreu no Brasil. Deste vivem, ainda, dois filhos: José Carlos e Teresa; e do irmão Joaquim: o Jaime, avô da Mariana — que me traz à memória estas lembranças. Estes três os “patriarcas” da Família, depois que nos deixou, há alguns anos, a Durosila — filha do Jaime e afilhada do Tio

Américo, uma “fidalga” escondida e nossa querida vizinha da Casa de Antelagar, a qual guardou, religiosamente, a maior parte do espólio documental que lhe confiou o Tio Padre José.

Mas entre todos os sobrinhos, no que respeita à Obra da Rua, tiveram papel especialmente importante: Ramiro, filho de Joaquim, que recebeu Paço de Sousa e fez renascer a quinta abandonada e no princípio de Beire foi, também ali, um forte apoio; e Sara, filha da irmã Maria, que esteve no começo de Miranda do Corvo, como Casa de Repouso para crianças em risco de tuberculose. Sara, vendo como o ar puro, o sol, o alimento certo e substancial, a água e o sabão, a cama lavada, eram remédio de prevenção e capaz de cura, foi ela a efectiva precursora da fórmula que Pai Américo havia de consagrar para as Casas do Gaiato: «*Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*».

ONTEM, em Santo Tirso, foi o Baptizado do João Pedro, que aqui aparece ao lado do irmão, o Miguel, a caminho dos quatro anos.

São netos do Tavares. E, este, um lisboeta da freguesia dos Anjos que, há perto de cinquenta anos, entrou no Tojal, de onde passou a Paço de Sousa a fim de frequentar a Escola Agrícola de Santo Tirso.

Acabado o curso, foi para Malanje. Daí a sua profunda ligação a Padre Telmo: dele, da Alcina, sua esposa, e dos dois filhos.

A chegada do Padre Telmo, há poucos dias, para um tempinho de vigilância médica e de repouso, permitiu a surpresa da sua presença — uma alegria tamanha que, até, foi regada com lágrimas.

Depois de uma Celebração, saborosíssima, na Capela de Nossa Senhora do Parto, um jantarzinho também delicioso, porque mesmo só em família.

Agora só falta que, com a grande simpatia do João Pedro e a atenção equilibrada dos pais e dos avós, se resolvam depressa os clássicos ciúmes do Miguel, frente ao mano recém-chegado.

Padre Carlos

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

MENOS APOIOS SOCIAIS — A partir deste mês (Agosto de 2010) vão apertar as condições de concessão do Rendimento Social de Inserção e doutros apoios sociais. Alguns criticam estas medidas dizendo que não é aqui que o Estado deveria começar por poupar, nem é nos beneficiários destas medidas que se encontra quem mais usufrui indevidamente dos dinheiros públicos. Se é verdade que é noutros domínios que isto mais acontece, também é verdade que tal facto não pode servir de argumento para não serem cortados estes apoios a quem não cumpre as condições para ter acesso a eles.

De qualquer maneira, com justiça ou sem ela, é de esperar nos próximos tempos um aumento do número de pessoas que até agora têm podido beneficiar desses apoios e que vão deixar de os ter. A consequência será um aumento do número de pessoas a que as Conferências Vicentinas e outras organizações de acção social vão ter que acompanhar, procurando ajudar as que realmente precisarem de ajuda.

Esta nota é para deixar este alerta e para voltar a chamar a atenção para um problema que já aqui referimos várias vezes. Para as pessoas que ainda têm capacidades para isso, uma boa forma de as ajudar será apoiá-las na obtenção de um trabalho remunerado. O problema é que, infelizmente, cada vez mais os empregos que forem sendo criados serão para pessoas que não têm os níveis de escolaridade e de qualificação profissional característicos de muitas dessas pessoas que precisam de ajuda por terem perdido o seu emprego. Aqui as nossas possibilidades de intervenção são muito limitadas, mas nem por isso deixaremos de estar atentos para aquilo que pudermos ser úteis nestes casos.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MALANJE

Padre Rafael

Tio Sambumba

SEU nome é *tio* Sambumba, um dos catequistas que acompanha mais de dez comunidades com os seus catequistas respectivos. Tem oito filhos, o mais velho com 23 anos e o mais novo com apenas 5.

Durante o tempo colonial aprendeu bastante de agricultura e a conduzir tractores. Aquando da guerra em Angola foi chamado e participou como militar. Todos os sofrimentos que viveu durante a guerra, colocaram-no numa situação tão angustiada, que encontrou na Fé a única porta para esperar mais desta vida e refazer a sua própria. Passados anos foi chamado a ser catequista e mais adiante catequista-geral.

Estes últimos anos, por falta de trabalho, recebemo-lo em nossa Casa como guarda, porque somente neles éramos capazes de confiar a segurança dos nossos filhos. Em muitos momentos nos manifestou o seu desejo de voltar à sua profissão de agricultor, mas as necessidades obrigaram-nos a confiar no *tio* Sambumba como um dos nossos guardas.

No Domingo, de tarde, quando fui à Carianga para trazer as crianças, fui à casa de Eduardo para ver como estava e vi que tinha sido roubada. Rapidamente quis saber onde andava o guarda. Padre Telmo já o havia mandado chamar, de manhã, para participar na Missa e traduzir para quimbundo.

Tudo fazia temer o pior. Depois de ir à aldeia onde vivia e ver que não estava ali, regressámos para informar a polícia, que nos mandou esperar até ao dia seguinte. Evidentemente que a família não esperou e, de madrugada, foram à sua procura.

Seu corpo estava estendido no meio do mato com a cara totalmente destroçada pelos golpes que lhe deram com a coronha da arma que lhe servia de defesa.

Em poucas horas chegou a polícia de investigação e disse-nos que teríamos de enterrar o corpo porque já cheirava mal. No mesmo dia tivemos de o enterrar entre lágrimas e prantos que se ouviam a centenas de metros.

Tio Sambumba apenas tinha 50 anos e estamos abatidos com a sua morte. Quem foi capaz de fazer isto, para roubar umas parcas migalhas; como aceitar este tipo de mortes; onde encontrar um pouco de paz para seguir em frente; que fazer quando a polícia é incapaz de fazer o minimamente humano para procurar um pouco de Justiça. Quantos *tio* Sambumbas já morreram e quantos faltam morrer — perguntas que seguramente só Tu saberias responder.

Nós simplesmente baixamos a cabeça, engolimos o ódio e pedimos que um dia se faça Justiça onde há muito tempo esquecida.

Não te esqueceremos *tio* Sambumba e esperamos um dia estar contigo em algum recanto do Céu — depois de pagar o castigo por nossos erros cometidos para contigo. Perdoa-nos e cuida-nos.

E a todos os meus amigos sacerdotes, que têm oportunidade de ler estas linhas, cuidemos dos leigos; leigos que colaboram ou militam na Igreja, porque eles nos dão mil lições e exemplos do que é ser um seguidor infatigável de Jesus de Nazaré.

E, sobretudo, amemo-los como o mesmo Jesus o faria. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

PEDALAR PELO GAIATO — Um sobrinho-neto do nosso Pai Américo, Luís Monteiro de Aguiar, com 58 anos e economista, que já viveu em vários países, e seu sobrinho Diogo, de 14 anos, levaram a cabo uma iniciativa interessante para divulgar a nossa Obra da Rua e apelar à partilha dos seus Amigos. O seu Avô Zeferino, que emigrou para o Brasil, era um dos irmãos do Padre Américo. Tratou-se de um desafio muito exigente e que comprovou que a família natural do nosso fundador também não esquece a grande Família, espalhada pelo mundo, que nasceu do coração de uma grande figura da Igreja, em Portugal, no século XX.

Começou com uma preparação física e logística muito cuidada. Isto com vontade de chegar ao seu destino, em especial à Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde jazem os restos mortais de Pai Américo.

Os ciclistas partiram da nossa Casa do Gaiato de Setúbal, a 27 de Julho, terça-feira, em cuja região a situação de crise económica e social o motivou ainda mais para esta causa. Mesmo no pino do Verão, o calor elevado foi um contratempo que conseguiu vencer. O evento foi divulgado pela comunicação social nacional e local.

Entretanto, chegou muito feliz à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, no dia seguinte, recebido com grande carinho, em especial pelos pequenitos, cuja Casa nasceu há 70 anos. Aí jantou com a comunidade e pernitoitou, descansando da etapa percorrida desde o sul do País. Fazia 81 anos que Pai Américo tinha sido ordenado Padre, no Seminário de Coimbra.

A vontade expressa de Luís Aguiar foi ligar as Casas do Gaiato, da nossa Obra do Padre Américo; o que o levou depois a pedalar para o Norte, onde existem as Casas do Gaiato de Paço

de Sousa e de Beire (Paredes). A 29 de Julho, pelas 16.00h, depois de deixar a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, acompanhado por vários membros desta Família, percorreu a Avenida Padre Américo e foi recebido no Município da localidade. A viagem *Pedalar pelo Gaiato*, assim se chamou ao percurso de 400 Km, podia ser seguida no *Facebook*, que reuniu mais de 2300 Amigos, nomeadamente jovens.

Quando conseguiu atingir a sede da

nossa Obra, a 31 de Julho, Sábado, disse, muito emocionado: *“As lágrimas vieram-me aos olhos, quando aqui cheguei. Ao fim desta semana toda, com o calor que passámos, ter atingido o objectivo e poder dizer bom dia ao Tio, diante da sua campa, como eu tinha previsto e prometido, foi uma grande emoção e uma grande alegria!”* Muitos parabéns a este nosso Amigo e bem-haja pelo seu grande empenho e amizade pela nossa Obra, que existe para os Pobres. □



PAÇO DE SOUSA

FÉRIAS — Alguns rapazes da nossa Casa partiram para a praia da Azurara. Devido às novas remodelações na pintura estes devem desfrutar de um novo conforto. É tempo de reflectir depois de um longo ano difícil, em termos de época escolar. Metade da nossa Comunidade, “os mais velhos” que estão em Paço de Sousa, já sentem saudade dos mais pequenos. Com isto só me resta desejar ao 1º turno, grupo dos mais pequenos, que haja paz, harmonia, e sobretudo que descansem.

BATATA — Este ano a apanha da batata iniciou-se mais tarde. Depois do pequeno-almoço, o chefe faz a distribuição dos trabalhos pelos rapazes, e os restantes vão fazer a apanha da batata. Este ano está a ser fraca a colheita.

PALESTRA — No dia 29 de Julho tivemos a presença do nosso padre Manuel Mendes, cá em nossa Casa. Veio falar da vida do fundador da Obra da Rua, Pai Américo. Este encontro foi organizado pela Vigararia de Penafiel, integrado no Ano Sacerdotal. Estiveram presentes o senhor Bispo D. António Taipa e outros sacerdotes, além de amigos e vizinhos desta Casa.

VACARIA — Os nossos serralheiros estão a fazer a cobertura da vacaria, para que no inverno haja melhor protecção dos detritos da mesma. Tem sido um trabalho árduo porque as vigas são pesadas e o calor é intenso. Depois entrarão de férias, que desejamos sejam reconfortantes.

Carlos Meirinho

DESPORTO — Apesar de já termos dado a época como terminada, e aten-

dendo que a crónica anterior já estava um pouco extensa, queremos, agora, deixar os resultados.

Fizemos 28 jogos, sofremos 66 golos e marcamos 138. Tivemos 1 empate, 4 derrotas e 23 vitórias. No que toca às derrotas em casa, não é nada do outro mundo. Uma com o F. C. Porto e outra com o Sporting de Braga. Nas fora de casa, apesar de serem tangenciais, foram com o Bougadense e Freixo-de-Cima. Esta última, sim, foi falta de convicção e de entrega ao jogo. A outra, pode-se considerar normal, normalíssima(!), atendendo às condições atmosféricas daquele dia.

Em relação aos melhores marcadores, não há nenhum vencedor isolado, já que com 15 golos cada, ficou: André «Garnisé», Abílio, Bonga e André «Espanhol». Este último, teve tudo a seus pés, para se poder isolar. Depois, temos «Joaninha» e Rogério com 13; e, com 8, Ricardo Sérgio e Hugo Pina. Os restantes golos são pertença de vários atletas. Aqui, uma nota especial para Jesus, que com 3 jogos, marcou 2 golos.

Apesar de alguns altos e baixos, temos que dar os parabéns a todos os atletas, especialmente aos mais persistentes e dedicados ao Grupo Desportivo. Claro que, isto de se chamar — quando não se joga — «sorte» ao saber, é não querer dar valor a quem o tem. Os Rapazes que jogam, se têm estes resultados, é porque têm valor.

Para terminar, o Grupo Desportivo quer agradecer a todos aqueles que ao longo da época colaboraram com ele, e muito especialmente ao nosso Paulo («Merendas») que, tem sempre a carinha impecável para as nossas deslocções.

Em relação à Prova Extra, que teve lugar no dia 18 de Julho, tudo normal... Mais uma taça e por conseguinte, mais uma vitória, ficando provado no terreno — sem correr muito — quem é o elo mais forte! Desta vez, com gostinho especial. Eu diria mesmo, uma vitória dupla. Porquê?! Ainda antes do jogo — a vitória pela qual nós nos batemos: *a estabilidade!* O nosso André «Garnisé», reconheceu que tinha estado menos bem há uns jogos atrás, falou com quem devia e tudo voltou ao normal. Deu uma lição! A outra, é a menos importante, já que se travava de uma mistura de antigos gaiatos, filhos dos mesmos e gaiatos, alguns deles, saídos da Casa há meia dúzia de dias — foram a tábua de salvação na hora do desespero, para ocupar os lugares de vago.

Dentro das quatro linhas, tudo correu bem..., no entanto, no banco da selecção, houve muita falta de calma...! Mau exemplo! É caso para dizer: *«Pensam com tanta ansiedade, que descuidam o presente. Assim... não vivem o presente nem o futuro. Vivem como se não tivessem vivido...»*

Apesar do calor que se fazia sentir, houve quem não se deixasse levar por ele... como foi o caso do Teixeira, «Bolinhas» e Tó-Zé, que durante os 90 minutos, tiveram postura e bom senso, demonstrando gostar/compreender os que ainda vivem debaixo das telhas que a todos abrigou!

Com golos de «Joaninha», «Bonga» e André «Garnisé», contra dois da selecção, fixou-se o resultado final, por sinal, com uma arbitragem de luxo e à altura de um verdadeiro derby. E esta hein!

Alberto («Resende»)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

SINTO-ME obrigado a pôr no jornal, não só o que me vai chegando, como a expressão dos meus comungantes nas aflições dos pobres que o Senhor põe no meu caminho. Cartas: verdadeira e sobrenatural comunhão nas agruras desgraçadas que encontro ou vêm ter comigo.

«Quero pedir a Deus que continue a dar-vos coragem para prosseguir a fantástica Obra (...) e fazer face às inúmeras dificuldades que vão surgindo no dia-a-dia», mil euros.

«Em resposta à sua campanha para os electrodomésticos, envio-vos este cheque no valor de 350 euros. São 200 euros da minha parte e 125 euros, oferta da minha vizinha. A única pessoa junto de quem ouse falar, porque lê regularmente o jornal que eu lhe passo.»

De Ponte de Vagos, 200 euros. Maria do Céu, idem. O mesmo da Maria Irene, da Alemanha. 100 euros de Maria Susana, metade da Maria de Lurdes que desabafa e manda muitas vezes.

«Quero agradecer-lhe toda a ajuda que dá aos que mais precisam. Grande lição de catequese! Uma catequese à maneira de Jesus, e eu vou-me aproveitando destas lições, pois são as melhores da vida», 40 euros.

«Neste testemunho de pai que acolhe os da rua, acabo de rezar um pedaço do evangelho: “Não os mandeis embora, dai-lhes vós de comer.” Hoje, sexta-feira do Sagrado Coração de Jesus e, neste mês a Ele consagrado, rezo para que possa contemplar em Justiça e Amor, os pobres mais pobres», 500 euros.

De Árvore, 50 euros. Rua João de Deus do Porto, 40 euros. «Aqui lhe mando, em Comunhão dos Santos, uma pequena ajuda para os seus predestinados. De todo o Gaiato, o seu cantinho do Património, é o que mais absorve a minha consciência e o meu carácter de Cristão», 150 euros.

«Entre todos os artigos que leio, com muita atenção e interesse, é o seu Património que traz até mim o retrato fiel das muitas e grandes necessidades das nossas gentes por este país fora», 100 euros. É de Santa Marta de Penaguião, esta leitora.

Lisboa: «Em Dezembro passado mandei um pequeno donativo para a compra da casa de uma mãe de quatro filhos, doente e cancerosa. São passados seis meses, é tempo de eu rever a minha consciência, perante tanta necessidade!... “Os esquentadores e frigoríficos ficam-me por 200 euros. Não me queres pagar um?” — Resposta: — Sim, quero. Amanhã irei enviar um vale com essa quantia.»

«O Património dos Pobres é sempre a primeira notícia que eu leio», Laura, 100 euros.

Mais um Engenheiro e sua esposa, 200 euros. De Cardigos, a mesma importância «para os nossos irmãos mais carenciados». Isabel, de Coimbra, «não

me quer deixar sozinho» e enviame 500 euros. Afonso, da mesma cidade, marca presença todos os meses com 100 euros. De Fridão, em vale postal, a mesma quantia e, uma carta depois, a perguntar se recebi. Entendo estas inquietações, num país de tanta insegurança, mas o meu trabalho tem sido tão absorvente que até o correio sofre.

«Obrigado pela sua coluna n'O GAIATO. Ele aponta-nos o caminho do amor ao próximo e abala-nos», 200 euros.

«O meu avô, que era muito pobre, veio a Paço de Sousa pedir ajuda ao Pai Américo e ele deu-nos essa ajuda porque não tínhamos uma casa condigna e vivíamos juntos com as cabras, com um bocado de madeira a separar-nos. Leio sempre a sua crónica e ela deixa-me sempre a chorar», 30 euros.

Bem precisamos todos de chorar, mas de arrependimento e emenda!...

35 euros de Maria Graziela, duas vezes. Rio Tinto, 100 euros. Oeiras, o Rui, 250 euros. A Maria Oliveira fez um intervalo, mas agora mandou 100 euros. O Tiago, sempre a meu lado, 2.000 euros, duas vezes, com lágrimas e amizade. O João, de Mira, é certo todos os meses com 100 euros. O Alfredo, de Amadora, transfere para a conta do Património, 500 euros mais 400 euros, mais 250 euros e pede sigilo. Adelino: «Junto envio um cheque de 100 euros, penitenciando-me por, em tempos passados, ter negado o meu auxílio a mulheres ciganas, vítimas de extrema pobreza».

«Nota que o Património dos Pobres se apoderou muito de si», 500 euros.

Da Covilhã, 1.500 euros. Hugo, de Lisboa, 40 euros. A dizer que tem roupas e objectos para dar, 25 euros. A Maria Susana, de Castelo Branco, é certinha todos os meses, com 50 euros. Aldeia da Ponte, 150 euros. Assinante 71133, a pedir «uma oração pelo meu falecido marido», 200 euros. Vila Nova de Gaia: «Ninguém pode dormir descansado se não fizer o possível para que os outros vivam», 500 euros.

Maria José, de Aveiro: «Bem haja pelo jornal que tanto gosto», 100 euros.

Rua das Fontainhas, de Cascais, 50 euros. Dulce, da Lousã, pede «uma oração por mim e pela minha família», 120 euros. Na oração do breviário, tenho-vos presente.

Padrão da Légua «para uma das peças», 200 euros, assinante 68616.

De Mira, a oferecer-me um saco de batatas, 110 euros. Torres Vedras, 100 euros. Assinante 57632, 50 euros. Assinante 40487, 600 euros. Mais 500 euros de Maria Helena, «a pedir uma oração». De um gaiato antigo, 100 euros e mais vinte da Rua Nova São Crispim, do Porto.

Em Coimbra, o Património tem um bom número de sacrificados

cooperadores. Maria Graciete diz: «Sempre que recebo O GAIATO, é logo a primeira leitura que faço: Património dos Pobres». Pede ainda oração por uma irmã e uma cunhada doentes. Mais pedidos de oração e mais 100 euros de Cascais, por duas vezes. União Noelista, de Lisboa, 500 euros. 1.000 euros de Vila das Aves e o mesmo de Maria Manuela, de Arcozelo. 50 euros do Abílio, de Lisboa. Assinante 14700, de Oeiras, 200 euros e 50 euros da Covilhã. Maria Luísa, de Rio de Mouro, divide 50 euros para o Património e 50 euros para a Casa do Gaiato. Da Rua Júlio Dinis, do Porto, 300 euros. Outra vez, Covilhã: «Os artigos que mais me tocam, são os do Património dos Pobres e da Conferência de Paço de Sousa», 100 euros. Matilde, de Esmoriz, também pede oração e manda 50 euros.

«Continuo maravilhado com a Obra da Rua», 50 euros e dez vezes mais do Eduardo «sem palavras». Outro tanto da Maria Luísa a desejar que a Obra do Padre Américo continue a fazer tanto bem. Mais 100 euros de Odivelas. «Com gratidão», Ana Felismina, de Rio Tinto, 100 euros. E metade, de Arouca, a prometer que «logo que possa, mandarei mais». O mesmo de Paço de Arcos e 200 euros de Castelo Branco. 75 euros, de Aguiar da Beira. Sementes que o Padre Fonseca lá deixou ao promover a auto-construção naquela vila. Outra vez Cascais, com 150 euros e os dolorosos desabafos. Maria Fernanda de Lisboa, 100 euros. A mesma quantia de um Bispo, várias vezes repetida. Amiga de Setúbal, 300 euros, por duas vezes.

Lisboa: «É com alegria que juntamos uma pequena oferta para a Obra que tanto admiramos», 250 euros.

Guilherme, do Estoril, 5.000 euros. Ligia, repete-se com 50 euros. Marinha Grande, 100 euros. Louriceira de Cima, 500 euros: «Rezo todos os dias pelos sacerdotes». 50 euros de Maria das Dores e o mesmo da Maria Narcisa. 30 euros de Rio Maior e 10.000 euros do Porto e mais 150 euros de outro antigo gaiato. 400 euros, mais 30 euros, de Lisboa. 100 dólares dum Padre português radicado na América, que não chegámos a depositar porque a transferência nos bancos, “comiam-nos” metade. Não vale a pena encher os bancos!...

A direcção do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal.** □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Julho,
48.400 exemplares**

PENSAMENTO

Pai Américo

Os grandes trabalhos de quem lida na rua não são aturar garotos, mas sim as queixas que deles nos fazem os grandes; já tive casa alugada no coração da cidade, mas houve de fugir dela, mais eles, corridos pela vizinhança, a qual faz muito mais chiada a ralar do que os miúdos a brincar!

(...) O garoto, ainda o mais educado, não é um anjinho. O saltar mesas e bancos, o quebrar louça e vidros, o bulhar de cada hora — diabruras espontâneas que só ele sabe fazer — válvula de equilíbrio e nada mais. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Alegria do lar

ASSIM se chama, vulgarmente, uma plantinha simpática e frágil, que passou a ornamentar uma mão cheia de vasos do espaço envolvente desta Casa, quando outras não suportaram a estiagem. Por isso, foram resguardadas do braseiro solar, nada meigo, neste vale do rio Dueça.

É uma teimosia benéfica a companhia das flores nos jardins de qualquer casa, e por maioria de razão numa família numerosa, mesmo que algumas pétalas vão caindo. Nos seus canteiros podem ser miradas, no arco do dia, transmitindo encanto e alegria a quem passa e repara nelas, tão simples e belas. Parecem não pedir nada, na sua aparente mudez. Todavia, no pico do calor estival, mostram alguns sinais de sufoco. Aquelas alegrias do lar ficaram em átrios e estão um mimo, para já, apresentando florinhas simples e ridentes, no cimo dos caules tenrinhos.

Educar crianças e de famílias desfeitas para o belo é um itinerário indispensável, que passa naturalmente por despertar o gosto pela beleza da Criação. Escutámos, depois daqueles pés verditos terem pegado: — *Essas flores são bonitas e não foram cortadas!* É verdade que os encontros, na nossa Escola, nesta pausa de Verão, entraram de férias...

Este motivo da paisagem doméstica, que os nossos filhos desfrutam, serviu para nos distrair de uma voz infantil, persistente, com meia dúzia de anitos, que nos chegou numa sexta-feira: — *Estou aqui sozinho e não tenho de comer...* Já nos conseguimos encontrar com o miúdo. A miséria não será erradicada com anos internacionais nem por decretos. Deus só é Amor! S. Camilo de Lellis dizia, com adorável humor: *Se não se encontrassem pobres no mundo, os homens deviam ir procurá-los e tirá-los de baixo da terra para lhes fazer o bem.*

Seu pai, em angústia, queixou-se que lhe tiraram alguns mantimentos que lá chegaram. Aquela ornamental, que transplantámos, obrigamos a não esquecer que a beleza não é resultado da maquilhagem artificial ou da linhagem, mas uma marca de toda a criatura humana, em qualquer situação de vida. Deus não faz acepção de pessoas. Ainda não sossegámos, sabendo daquele pobre menino, sem pão e sem alegria, numa exígua toca, doutrem.

Nesta época, quando se multiplicam as festanças ruidosas, sem licença dos santos, é um tónico olhar com olhos de ver para aquelas alegrias do lar, bem melhor nos canteiros do que nos enfeites. Será que aquela criança poderá, um dia, cuidar das flores do seu jardim, com ternura, para que não murchem? O povo, das grandes proles, diz sabiamente: *Todos se criam...* Parece que o umbiguismo, pós-moderno, não descola da mentalidade corrente. Não há flores no mundo, tão dignas de serem amadas, como as crianças ou os velhinhos, de olhos embarcados, na solidão. Jesus interpela-nos, descaradamente, a participarmos do milagre da vida: *Dai-lhes vós mesmos de comer.* □

COMO RAMOS DE AMENDOEIRA

Padre João

Continuação da página 1

Foi uma belíssima alusão à inesgotável doutrina eclesiológica emanada do Concílio Vaticano II, que compreende a Igreja como Sacramento de Comunhão e incita os que a servem a que o façam numa linha de diaconia, de serviço à Comunhão e à Unidade. Qualquer outra compreensão ou aproximação fundada em critérios humanos ou de promoção é corrosiva e poluente, alertou o Bispo. A poluição de que falava o Bispo, em sentido figurado, não há-de perverter nem corromper o tecido religioso e eclesial que gerações passadas, norteadas pela piedade, amor a Cristo e à Sua Igreja nos legaram. E as vocações que vão brotando, hão-de ser como ramos de amendoeira, prenúncio de uma primavera que Deus está preparando após a invernia e a devastação. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

TODAS as manhãs, nos dias de semana, há uma tarefa a cumprir, ocupando a maioria dos rapazes: É a apanha da batata.

O calor tórrido que tem dominado nestes dias de Verão, quase sem distinção das várias horas do dia, reduz a disponibilidade e faz estender por mais dias este trabalho até que chegue ao seu termo.

Embora um pouco dura e cansativa, é uma ocupação sadia e que anima quem dela se ocupa. O banho na piscina antes do almoço, depois da apanha e do transporte da batata, no reboque do tractor, para o celeiro, é um tónico e um prazer que depressa faz esquecer o esforço anteriormente dispendido.

O contacto com a terra revolta e esvoaçante pelo ar em nuvens de pó, transporta-me à condição básica da existência humana: «Lembra-te homem, que és pó, e em pó te há-de converter.»

Curioso!; em vez de rejeição e humilhação dá-me um sentido de comunhão com a manifestação deste elemento da natureza: Pó, de onde brota vida, todos os anos renovada.

Ainda não senti nem me apercebi de qualquer espécie de queixume dos rapazes. Quando toca a algum trabalho em que é preciso dobrar a coluna vertebral, normalmente vêm uns ais de dor. Por agora não tem sido assim.

À chegada do tractor, com a máquina de arrancar a batata acoaplada, os rapazes vão surgindo, uns após outros, enquanto alguns já aguardavam no terreno, meio deitados, saboreando a sombra das videiras.

Também a cadela «Lua» nunca falta, em permanentes correrias, sempre alerta para apanhar alguma pedra ou batata defeituosa que os rapazes atiram para longe.

Sem se dar por isso, eis que desaparece e, passados uns instantes reaparece luzidia e fresca, depois de dar um mergulho no tanque da água mais perto.

Este ano que vai correndo, tem sido de fraca colheita. À medida que o campo vai sendo desbravado, os nossos olhos esperam ansiosamente que o descobrimento das batatas as revele de maiores dimensões que o que tem sido habitual.

Colher bons frutos é sempre o que mais espera o sementeiro. Mas as colheitas são muito variáveis, pois até que aconteçam, está a sementeira sujeita a muitos factores.

Nesta, que agora realizamos, se o seu resultado é importante, pois dele vai sair o nosso sustento alimentar básico para um ano inteiro, não o é menos significativo pelo impacto no desenvolvimento de cada Rapaz e como factor aglutinador de toda a Comunidade. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

«Fazer de cada rapaz um Homem»

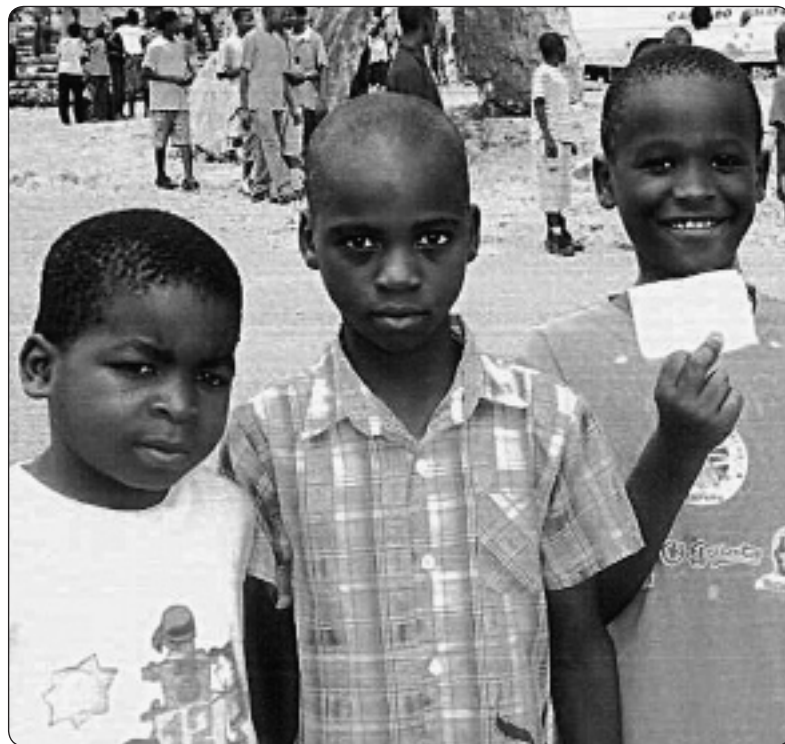
ALGUNS dos nossos rapazes, os que têm mais dificuldade na Escola, foram até ao Bilene, aproveitando férias intercalares, com o Padre João que veio conhecer a Casa do Indico, antes de decidir a sua entrada na Obra da Rua.

Estiveram ali sem ver o mar. De manhã à noite, cada um com a sua dificuldade mais acentuada, a ajuda e empenho do P. João, a procurar desvendar a lógica das palavras e dos números, para a tempo se libertarem da escuridão da mente e avançar mais confiantes no aproveitamento escolar.

Aqui em Casa é a batalha de todos os dias. Não se pode perder tempo. Eles crescem, sem a gente dar por isso. Feita a décima classe, têm de enfrentar, fora do nosso olhar de todos os dias, a responsabilidade do estudo, alguns até já do trabalho se têm idade, estudando à noite, e da administração do dinheiro que lhes é entregue no Banco, para propinas e despesas escolares, viagens e alimentação.

É uma corrida autêntica para «fazer de cada rapaz um homem», como dizia Pai Américo.

Para além da credibilidade que temos para o primeiro emprego, cresce a dificuldade do desempenho, pelo menos satisfatório, para não dizer até excelente de alguns, o que é sempre estímulo para os que ficam e a dificuldade com novos companheiros. Mas a maior vem da cabeça ainda não estruturada na experiência, para a administração do dinheiro que dispõem para todo o mês. É para alguns até mais adultos uma verdadeira confusão. Mas temos de ser intransigentes e enfrentam a ameaça de, se perderem o ano, terão de ficar por sua conta. Eles sabem que os companheiros que estão em Casa rezam todos os dias por eles, como eles faziam.



Quanta pressão para que descubram que são capazes. É o nosso sistema.

Aqui em Casa cedo aprendem a responsabilidade, na confiança. Mas quanta angústia passamos também, até que se sintam confiantes e nos venham visitar aos fins de semana. Também vivemos da confiança em Deus. Nós e eles estamos encostados ao mesmo pilar.

A par, em nossa Casa, corre a formação contínua dos nossos professores. Até sinto pena deles. Que Deus os ajude a sentirem-se preciosos, necessários, mas sobretudo dignificados na sua tão importante missão de formar homens para o futuro deste país. Eles são cinquenta e quatro, mais vinte e seis educadoras de infância. A Irmã não os poupa. Mal acabaram a revisão das provas, com a visita frequente da inspecção escolar, começaram a revisão das normas vindas do Ministério. Temos uma sala grande feita para laboratório nunca montado.

Parece-me um desfalque grande nos currículos escolares, pelo menos nos últimos anos do secundário. Mas não se tem olhado a isso. Ora essa sala dá para acolher a todos de manhã e de tarde. A formação dada tem Acta elaborada no fim de cada dia.

Um dos temas quentes em Moçambique é «o assédio sexual de professores a alunas». Um dos professores tornou-se notório nos comentários jocosos, demonstrando absoluta indisponibilidade moral, para acolher com humildade o que é uma tese basilar no comportamento com a juventude que se requer sadia de corpo e mente. Quantas centenas de jovens têm ficado impossibilitadas de continuar, algumas com filhos nos braços, porque cedaram ao assédio do docente para passar no exame.

É claro que o nosso professor, levou no dia seguinte uma nota para se apresentar na Direcção Escolar, como inapto para continuar connosco. □

BENGUELA

Padre Manuel António

A prevenção é remédio que se mostra eficaz

NO serviço dos educadores há uma frase muito repetida. A causa da insistência não está na dificuldade da sua compreensão, mas na importância que tem: o bom resultado do serviço do educador vem do acompanhamento dos educandos. Não se trata, evidentemente, duma simples presença física, ao jeito de polícia, mas da pessoa com toda a riqueza humana, sublimada pelo amor. Tomei este assunto, no início da nota que estou a escrever, porque vi, há momentos, um grupo numeroso de crianças a brincar, na hora do estudo preparatório para as aulas. O responsável pelo seu acompanhamento apareceu, no momento oportuno. Foi interessante a caminhada de todas para as salas, onde deviam estar. É um pormenor, aparentemente insignificante, mas de resultado rico. Podemos alargar a nossa visão para outros aspectos da vida dos filhos.

Vemos e sentimos, à nossa volta, um aumento da degradação cívica e moral das crianças, adolescentes e jovens. Sofremos por causa deste ambiente, porque tenta e marca também os filhos que vivem em nossa Casa. Não temos vida isolada, com as portas fechadas. Por isso, nos é pedida uma atenção sempre maior. A tentação da droga e do álcool, com as suas consequências demolidoras de toda a sensibilidade moral, ocupa um lugar de destaque. A prevenção constante está na ordem da nossa vida. É o primeiro remédio que se mostra eficaz, juntamente com a ocupação dos tempos livres. Contudo, não estamos livres desta epidemia. E temos provas. Daí a grande preocupação que vai absorvendo também as energias do nosso coração.

Não podemos desanimar. A força do bem, alimentada pelo amor total, é superior à força do mal. Quem dera os pais e todos os educadores vivam esta certeza. Diante dos meus olhos, mais de 150 famílias muito pobres, num total de cerca de 600 pessoas, estão a receber a ajuda mensal para aguentarem o peso enorme das suas vidas. Não conseguimos libertar-nos deste peso que temos partilhado convosco, ao longo dos anos da existência da nossa Casa do Gaiato, nesta terra. Queremos ver os pais e os filhos a caminhar com a dignidade que é possível manter.

À hora em que escrevo, está muito viva a impressão causada pela Palavra do Mestre, escutada esta manhã: «Dai-lhes vós mesmos de comer». Com os cinco pães e dois peixes matou a fome a cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças. Estes pães e estes peixes estão maravilhosamente representados pelas ajudas que nos chegam da nossa Obra, alimentada pela vossa generosidade. Quem dera a fonte tenha cada vez mais vida! Doutra modo não seria possível.

Os dois pequeninos chegaram. São irmãos: o mais velho tem oito anos; o mais pequenino vai fazer quatro anos. Abraçámo-los e beijámo-los, como vós também sois capazes de fazer. □

SETÚBAL

Padre Acílio

O pároco de duas freguesias, próximas de Castelo Branco, veio visitar-nos e apoiar três senhoras que aqui nos vieram ajudar, durante as férias, na estadia dos rapazes, na Arrábida. Trouxe-nos vinte e oito garrafas, de cinco litros de finíssimo azeite — oferta das suas comunidades!

Duas senhoras, vindas de lá e auxiliares de outras Obras da Igreja, deram-nos dez dias. Para os rapazes, foram uma enriquecedora companhia e para elas, uma inesquecível experiência. Na pureza das obras de Deus, quando o coração é limpo, todos crescemos.

Dói-me sim, que tenham de vir senhoras, de tão longe, que tantas de perto, não se aproximem, por medo. Os rapazes não fazem mal a ninguém. Já no tempo do Profeta Elias, foi assim, e Jesus, refere a mesma verificação, no colóquio com os seus conterrâneos, sem aceitar como certa, esta posição.

Desceram à nossa condição e, a pouco e pouco, tentaram assumir os rapazes como seus, iluminadas e fortalecidas pela Palavra Viva de Jesus.

Regressaram com desejo de voltar, não só nas férias, mas durante o ano, sempre que for possível.

O seu pastor pareceu-nos um *Homem de Deus*, aflito com os pobres, a pregar a partilha de bens e fazer destes dois elementos, alavanca de apostolado!

Como me fascina, sentir padres, assim!...

O azeite é fruto das oliveiras de dois adros das igrejas e as azeitonas foram colhidas pela comunidade, de graça, e o seu resultado, oferecido aos pobres. Sinais palpáveis de que o Espírito de Deus faz esse grupo de pessoas e lhes dá identidade cristã. E a Eucaristia que esta comunidade celebra, é autêntica! — As provas estão à vista.

A D. Lina, que continua a ser o nosso suporte maternal na Arrábida, ainda neste segundo grupo, chamou-me para mostrar os garraões e me elogiar o precioso óleo: «Olhe que isto é só para as saladas. Mal empregado na panela. É tão bom, tão bom, tão bom!...» □